

## ***Uma Resenha de Estudos sobre o Semanário “A Abelha da China” e Alguns Tópicos Reconsiderados***

*Jin Guoping\**

Desde o início da sociedade humana, a necessidade de intercomunicação e interação social tem sido acompanhada pelo surgimento de actividades de divulgação de notícias e informações. Na China antiga, o jornal era de facto uma forma primitiva de um simples “ofício”. A partir da dinastia Tang (618-907), já existiam meios antigos tradicionais de divulgação de informação, tais como o “Bao”, o “Baozhuang”, o “Kaiyuan Zabao” e o “Dibao”. O objectivo das ditas publicações periódicas era divulgar informação oficial sobre os assuntos políticos dinásticos e orientar e regular as actividades sociais e a vida do povo. No entanto, as actividades profissionais noticiosas de divulgação em grande escala na China moderna distanciaram-se das dos países europeus, já desde o início do século XIX, num atraso de quase dois séculos. Foi neste contexto que Macau se tornou no primeiro território chinês a possuir um jornal em língua estrangeira e há 200 anos, em 12 de Setembro de 1822, nasceu um semanário neste lugar, ponto fulcral para o intercâmbio cultural, económico e comercial entre o Oriente e o Ocidente.<sup>1</sup> Este foi o primeiro semanário moderno numa língua estrangeira publicado na China. Camões C. K. Tam e Wu Zhiliang caracterizam-no como um “semanário político”,<sup>2</sup> ao dizerem que “..... era o órgão do então Partido Constitucional Português em Macau, e ao mesmo tempo a gazeta oficial do autónomo Leal

---

\* Professor convidado da Universidade Jinan.

<sup>1</sup> Para um estudo mais abalizado sobre o “A Abelha da China”, veja-se Manuel Teixeira, “A imprensa periódica portuguesa no Extremo-Oriente”, Macau: Notícias de Macau, 1965, pp. 5-11.

<sup>2</sup> Camões C. K. Tam e Wu Zhiliang, “O Primeiro Jornal em Língua Estrangeira no Território Chinês: A Abelha da China (1822-1823)”, *Estudos de Jornalismo*, No. 57, 1998, p. 213.

Senado de Macau (ou seja, da Câmara Municipal, vulgarmente conhecida como Jinbala).”<sup>3</sup> Enfim, um órgão do Partido Constitucional nessa altura no poder local de Macau. Por órgão entende-se uma publicação contínua publicada por um organismo governamental que contém vários documentos governamentais, tais como decretos, orientações, políticas, declarações, nomeações e demissões. Na China antiga, existiam boletins governamentais semelhantes, chamados “Dibao”, “Dichao” e “Chaobao”. No final da Dinastia Qing (1644-1911), o “Zhengzhi Guanbao (Diário Oficial Político)” foi editado e publicado por “Zhengzhi Bianchaguan (Casa Editorial Política de Censura)” em 1907 e foi renomeado “Neige Guanbao (Diário de Gabinete)” após a criação do Gabinete em 1911, tendo sido oficialmente publicado o “Zhengfu Gongbao (Boletim do Governo)” pelo Governo de Pequim, de 1 de Agosto de 1912 até Junho de 1928, quando o Governo dos Senhores da Guerra do Mar do Norte entrou em colapso. O Boletim do Governo Nacional da República da China começou a ser publicado em 1927 e editou 3.137 números até Maio de 1948.

## I. Estado da questão

Desde a sua criação em 1822 e até ao seu encerramento em 1823, somente após 177 anos é que apareceram artigos que podem ser considerados como trabalhos do foro da investigação. Antes disso, houve apenas referências esporádicas em certos livros especializados em jornalismo,<sup>4</sup> e enciclopédias.<sup>5</sup> Segundo a informação disponível, até ao presente, os estudos chineses sobre o “A Abelha da China” apenas começaram nos anos 90 do século passado. O lusófono Wu Zhiliang foi pioneiro neste tema, ao publicar, ainda em 1994, o artigo “A

---

<sup>3</sup> *Idem*, p. 215.

<sup>4</sup> Li Gucheng, *História do Desenvolvimento de Jornais Chineses em Hong Kong*, Shanghai: Editora Livraria Clássica, 2005, p. 75.

<sup>5</sup> Chen Qiaozhi (ed), Conselho editorial da Enciclopédia de Hong Kong e Macau, *Enciclopédia de Hong Kong e Macau*, Guangzhou: Editora da Cidade Florida, 1993, p. 757; Qiu Peihuang, Wu Xinxun, Xiang Chunwu, Zhang Hui ren, Zeng Fanming, Wu Jian (ed), *Enciclopédia de Jornalismo e Comunicação*, Chengdu: Editora Popular de Sichuan, 1998, p. 334 e Wu Zhiliang e Yeong Wan Chong, *Enciclopédia de Macau* (Edição Revista), Macau: Macau Fundação, 2005, p. 410.

propósito do primeiro jornal em língua estrangeira na China”, que veio a ser incluído na obra “Macau - A Primeira Porta por onde o Oriente se encontra com o Ocidente”.<sup>6</sup> Este artigo foi o primeiro no mundo acadêmico chinês sobre o primeiro semanário macaense, que foi ao mesmo tempo o boletim oficial do território, de modo que merece uma referência especial no historial do estudo do “A Abelha da China”. No mesmo ano, Camões C. K. Tam e Wu Zhiliang elaboraram, em conjunto, “O Primeiro Jornal em Língua Estrangeira no Território Chinês: ‘A Abelha da China’ em Português (1822-1823).”<sup>7</sup>

Sendo um semanário muito citado por livros de referência chineses como o primeiro jornal, no sentido moderno deste termo, publicado no território chinês, mereceu várias teses de mestrado e doutoramento, das quais se pode destacar a tese de mestrado de Agnes Lam, “A propósito das Características do Desenvolvimento dos Jornais Portugueses em Macau: De 1822 até ao Presente”, na Universidade Popular da China, orientada por Gu Changling, em 1998.

No mesmo ano, na mesma universidade pequinesa, Cheng Manli concluiu “Um Estudo sobre o ‘A Abelha da China’, primeiro jornal moderno ao longo da História da China”, dissertação de doutoramento orientada por Fang Hanqi. Esta tese foi publicada em livro pela Fundação Macau, ainda em 1998, sob o título “Estudos sobre o ‘A Abelha da China’ ”. Uma segunda edição com o mesmo título foi lançada em 2015, pela Tsinghua University Press, de Pequim. A autora assinou, ainda, uma série de artigos baseados na sua tese, que foram publicados em várias revistas chinesas. Cheng Manli é, de resto, responsável pelo estudo monográfico mais completo produzido até ao momento sobre o “A Abelha da China”. Para poder ler este jornal, a autora fez um curso intensivo de Português com a duração de um ano.

---

<sup>6</sup> Mais tarde foi outra vez publicado em *Literatura Chinesa Mundial*, 1998, n.º 10, pp. 65-68 e Wu Zhiliang e Zhang Wenqin et al., “Macau: Primeiro portão por onde o Oriente se encontra com o Ocidente”, Pequim: Editora da Amizade da China, 1998, pp. 165-169.

<sup>7</sup> Camões C. K. Tam e Wu Zhiliang, “O Primeiro Jornal em Língua Estrangeira no Território Chinês: A Abelha da China (1822-1823)”, *Estudos de Jornalismo*, N.º 57, 1998, pp. 213-228.

Em 1999, Zhai Wen publicou um pequeno artigo<sup>8</sup> de apenas duas páginas com uma semelhança quase “ipsis verbis”, tanto em termos do título como do conteúdo, do artigo de Wu Zhiliang de 1998. Trata-se de um curto ensaio repetitivo, no entanto simples de mais, nada de novo.

Já no novo milénio, em 2000, Zhao Dianhong publicou “A criação do ‘A Abelha da China’ e o Desenvolvimento da Indústria Moderna da Imprensa Periódica em Macau”.<sup>9</sup> Em 2002, a Doutora Hellen Yang Kaijing defendeu a tese de doutoramento sob o título “Um Estudo sobre os recursos documentais específicos em Macau e uma estratégia global de desenvolvimento da utilização de colecções”, na Universidade de Pequim, orientada por Wang Jingui. Esta tese veio a ser publicada em livro no ano seguinte, com o título “Um Estudo sobre os recursos documentais específicos em Macau”.<sup>10</sup>

Após a sua tese de mestrado, Agnes Lam prosseguiu com um estudo mais aprofundado sobre o tema da imprensa de Macau, chegando a defender a tese de doutoramento sob título “A Imprensa Noticiosa em Macau antes da Guerra do Ópio (1557-1840)”, na Universidade Popular da China, orientada por Fang Hanqi, em 2006. Esta tese veio a ser editada em livro, em 2015, intitulado “Acerca dos primórdios da imprensa periódica da China Moderna”.

Em 2010, Li Changsen lançou uma monografia com o título “Esboço da História da Imprensa Periódica Moderna em Macau”.<sup>11</sup> O historiador, falante de Português, questionou neste trabalho, pela primeira vez, a tradução para chinês do título do “A Abelha da China”, com argumentação bastante convincente.

Em 2014, Zhai Xiufeng publicou uma entrevista intitulada “O ‘A Abelha da China’ à Professora Cheng Manli sobre o processo de escrita de *Um Estudo do*

---

<sup>8</sup> *História do PCP em todos os aspetos*, 1999, N.º 8, pp. 44-45.

<sup>9</sup> *Boletim da Universidade de Ji'nan* (Edição de Ciências Humanas e Sociais), 2000, vol. 22, n.º 6, pp. 73-90.

<sup>10</sup> Yang Kaijing, *Um Estudo dos Recursos Documentais Característicos de Macau*, Pequim: Peking University Press, 2003.

<sup>11</sup> Li Changsen, *Esboço sobre a História dos Jornais Estrangeiros Modernos de Macau*, Guangzhou: Editora Popular de Guangdong, 2010.

*Jornal Chinês do 'A Abelha da China'* e os pensamentos que este provocou”.<sup>12</sup> Este artigo tem por fim historiar o estudo que Cheng Manli dedica ao “A Abelha da China”, chegando a revelar alguns pormenores até então desconhecidos. Em 2015, Agnes Lam publicou a sua dissertação de doutoramento sob o título “Sobre o Início da Indústria de Jornais Modernos da China”. O capítulo 4 “A controvérsia política local e o início da imprensa portuguesa em Macau”, é dedicado ao “A Abelha da China” e apresenta a opinião de que o “A Abelha da China” não foi a publicação periódica mais antiga.<sup>13</sup> Em 2019, Li Shixin publicou “Uma Argumentação bem feita, com formas peculiares de investigação - Um Breve historial do Estudo do ‘A Abelha da China’ pela Professora Cheng Manli”. Este artigo elogia altamente os bons sucessos verificados nos estudos do “A Abelha da China”, a cargo da Professora Cheng Manli, ao mesmo tempo que formulou a sua opinião sobre o papel histórico do “A Abelha da China”, sintetizado pela Professora Cheng Manli, chegando a lançar um debate sobre o tema. Sobre esta questão do papel histórico do “A Abelha da China”, nós gostaríamos de acrescentar que Cheng Manli tenta provar que com a criação e publicação do “A Abelha da China”, a China já reunia as condições técnicas (incluindo impressão, publicação e distribuição) necessárias a uma publicação periódica moderna, antes dos meados dos Qing, em que eclodiu a Guerra do Ópio, como o mais tardar. É bom de ver que se verifica nesta frase um desalinhamento conceptual. Macau é sem dúvida parte do território chinês, mas não parece oportuno equiparar a tecnologia de impressão que os portugueses tinham em Macau a uma tecnologia própria da China. Por esta lógica, seria como que dizer que o primeiro livro da história de Macau “*Christiani pueri institutio adolescentiae que perfugium*”, impresso pelos Jesuítas em Macau em 1588, usando os tipos móveis, seria uma realização técnica e um sucesso tecnológico da própria China. Em 2020, Li Chun, no seu livro intitulado “Estudos dos meios de comunicação social de Macau”<sup>14</sup> e no âmbito do capítulo referiu-se a “Um debate da história jornalística em aberto:

---

<sup>12</sup> *Jornalismo Internacional*, 2014, vol. 36, n.º 11, pp. 173-176.

<sup>13</sup> *Idem*, pp. 103-129.

<sup>14</sup> Li Chun, *Estudos sobre os meios de comunicação social em Macau*, Pequim: Imprensa da Universidade de Comunicação da China, 2020, pp. 12-16.

os primórdios das publicações periódicas em Macau”, em que se desenvolveram análises bastante abrangentes sobre a controvérsia do “A Abelha da China” ser ou não a “primeira publicação periódica” na história de Macau. Desde 2020 até ao presente, não se conhece mais nenhum estudo sobre o tema do semanário “A Abelha da China”.

Acabamos de percorrer uma dezena de títulos que formam uma lista impressionante, seja em jornais, seja em livros autónomos, e até em monografias, sobre o “A Abelha da China”, embora não tão extensa quanto se desejaria, mas com trabalhos de grande importância, que merecem ser lidos com proveito.

Em síntese, os estudos chineses do “A Abelha da China” já cumpriram um percurso de um quarto de século. Podem destacar-se três figuras importantes, com diferentes papéis, a saber:

O pioneirismo temático do lusófono historiador Doutor Wu Zhiliang; O aprofundamento temático da autodidata em português, Doutora Cheng Manli; A crítica gramatical e semântica do historiador lusofalante Doutor Li Changsen.

## **II. Alguns tópicos reconsiderados**

### **1. Uma nova proposta para a tradução chinesa do título “A Abelha da China”**

Como se tratava de uma publicação para um leitor português generalista, o jornal não teve um impacto considerável na sociedade chinesa. No entanto, como boletim oficial camarário, não podia deixar de ser importante para os habitantes chineses de Macau, mesmo que o não pudessem ler. Os estudos sobre este semanário entre os investigadores de Macaulogia são ainda bastante recentes. Embora haja referências esporádicas em publicações chinesas, faltavam trabalhos temáticos sistemáticos sobre o tema. Só quase um século depois da sua publicação é que apareceu a tradução em chinês do título “A Abelha da China”.

De acordo com o que conseguimos apurar, a expressão “A Abelha da China” foi pela primeira vez referida em chinês como “Mifeng Huabao (Jornal Chinês da Abelha)”, numa monografia da autoria de Ge Gongzhen, incluída no título da História das Publicações Periódicas da China, publicada pela conhecida casa editorial The Commercial Press de Xangai, em 1927. O autor refere: “A Abelha da Chine [sic], que pode ser traduzida como Mifeng Huabao (Jornal Chinês da Abelha), foi dada à estampa a partir de 12 de Setembro de 1822 (o primeiro ano do Reinado de Daoguang [ 1820-1850 ] ).”<sup>15</sup>

Actualmente, esta versão é piamente seguida pelo meio académico chinês, que a usa como uma tradução definitiva e oficial. Contudo, parece-nos que o autor da História das Publicações Periódicas da China não deveria dominar o português. O facto de usar “Chine” em vez de China é suficiente para tal podermos afirmar. Se não sabia a língua de Camões, há então muito que se lhe diga quanto à tradução do título do “A Abelha da China” para chinês.

A expressão “Huabao (jornal chinês)” aparenta ter ares cultos de chinês literário. No entanto, é preciso submetê-la a um exame pericial, de acordo com os famosos princípios de “fidelidade”, “expressividade” e “elegância”, determinados pelo célebre tradutor moderno Yan Fu, já em 1898. A “fidelidade” requer que a tradução tenha de ser fiel ao texto original, ou seja, numa tentativa de ser o mais exacta possível, sem desvios, omissões, adições ou subtrações arbitrárias, à vista do texto de partida. Por “expressividade”, entende-se não se cingir à forma do texto original, podendo usar certa liberdade literária de expressão “floreada”, de modo a embelezar a tradução, mas que deve ser expressiva e clara. Finalmente, o texto de chegada deve aprimorar-se com “elegância”, mediante a escolha de termos eruditos para estruturar a tradução, à procura do primor e da simplicidade desejáveis no próprio texto.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Ge Gongzhen, *História dos Jornais Chineses*, Série da República da China, Parte 2, nº. 49, Cultura-Educação-Desportes, Shanghai: Livraria Clássica de Shanghai, 1989, p. 84.

<sup>16</sup> Xu Xueying (ed.) ; Xu Jun e Guo Guoliang (editores em chefe), *Biblioteca de Tradução Chinesa—Títulos Representativos de Tradutores Chineses, Volume Yan Fu*, Hangzhou: Imprensa da Universidade de Zhejiang, 2020, p. 29.

Resumindo: em primeiro lugar, valoriza-se a correspondência com o texto de partida; em segundo lugar, nota-se a necessidade de criar uma linguagem expressiva; finalmente, há ainda a questão do desejado cunho literário do estilo.

Dos três princípios citados, a “fidelidade” ocupa justamente o primeiro lugar. Se não existir, perde-se tudo. A “expressividade” sem a “fidelidade” passa a ser uma “expressividade” artificial, e a “elegância” sem a “fidelidade” não passa de uma “elegância”, falsa e enganosa, seja de que ponto de vista for.

O Doutor Li Changsen, antigo docente do Instituto Politécnico de Macau (agora designado Universidade Politécnica de Macau), versado em português como é, pôs em dúvida e questionou o nome traduzido em chinês do “A Abelha da China”, geralmente aceite por académicos chineses, e pôs em evidência o conceito histórico de “jornal chinês” e de “jornal ocidental”, para demonstrar, de forma convincente, que a tradução do “A Abelha da China” em “Mifeng Huabao (Jornal Chinês da Abelha)”, de facto, constitui um erro conceptual. “Após criada a imprensa moderna pelos ocidentais, surgiu a imprensa moderna chinesa. Para distinguir entre estes dois tipos de publicações periódicas, os chineses chamavam frequentemente aos jornais em língua estrangeira ‘Mala Xibao (Daily Press)’ e ‘Decheng Xibao (The China Mail)’, enquanto que aos jornais chineses davam-lhes o nome de ‘Guohua Bao (Kwok Wa Po)’ e de ‘Guangyi Huabao (Chinese Australian Herald)’, que apareceu na Austrália no final do século XIX. Na actualidade, o termo ‘Huabao (jornal chinês)’ é o nome preferido pelos chineses da diáspora. Citemos como exemplo o ‘Huanqiu Huabao (Global Chinese Press)’ e o ‘Meizhou Huabao (Jornal Chinês ‘Americana’)’, etc. O ‘A Abelha da China’, o primeiro semanário em Macau que apareceu em 1822, era um título em português, portanto um jornal ocidental. Ao traduzir-se como ‘Mifeng Huabao (Jornal Chinês da Abelha)’ cometeu-se um grosseiro erro conceptual.”<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Li Changsen, *Esboço sobre a História dos Jornais Estrangeiros Modernos de Macau*, Guangzhou: Editora Popular de Guangdong, 2010, p. 71.



O Doutor Li Changsen explica muito bem a estrutura gramatical da expressão “A Abelha da China”, sobretudo o papel da preposição “de” entre “Abelha” e “China”.<sup>18</sup>

O autor de “Zhongguo Baoxueshi” não devia ter sequer conhecimentos básicos de português, pois ignorava a função gramatical da preposição “de”, de modo que traduziu como “Huabao (Jornal da China)”. Na realidade, gramaticalmente analisando, “da China” refere-se à abelha e não ao jornal. Como se vê, a aventura de um especialista analfabeto em português levou à invenção de uma tradução do título do primeiro jornal, no seu sentido moderno, de toda a China, que parece erudita, mas que é erradamente erudita, ao fim e ao cabo. É uma confusão que perdura até ao momento. Caso a deixemos imperar, poderá predominar para sempre. É tempo, por isso, de erradicá-la. Mesmo que quase um século mais tarde, merece a inquirição e a correcção de quem se interessa por ela e é versado em português.

Com base numa correcta compreensão da relação gramatical do “A Abelha da China”, o Doutor Li Changsen propôs uma nova tradução como “Zhongguo Mifengbao (Jornal da Abelha da China)”. Sem sombra de dúvidas, esta nova tradução do título é correcta e não menos exacta. Mas se o novo nome é correcto a toda a prova, haverá espaço suficiente para novas discussões? Não nos parece nem sequer esgotado o tema e, assim, oferece-se uma nova pista a seguir. Voltamo-nos para outro lado, equacionando o nome da abelha em causa. Nesta senda, gostaríamos de propor uma nova tradução, embora possa parecer imatura. “A Abelha da China” traduz-se com precisão como “Zhongguo Mifeng”. O que gostaríamos de sugerir é que talvez possa haver outra tradução para “A Abelha da China”. Vamos sair um pouco do mundo literário e sondar o terreno do mundo científico do reino animal. Na realidade, o nome científico de “A Abelha da China” é “*Apis cerana*”, cujo nome chinês científico é “Dongfang Mifeng (a Abelha do Oriente)”. “*Apis cerana* (Fabricius, 1793)”, ou abelha melífera asiática, é uma espécie de abelha que tem uma distribuição desde o Paquistão no oeste,

---

<sup>18</sup> *Idem, ibidem.*

Taiwan e Japão no leste, as províncias orientais chinesas no nordeste, Qinghai e Gansu no noroeste, e Indonésia e Papua Nova Guiné no sul, abrangendo toda a Ásia do Sul, sudeste e leste. Nos últimos anos o seu habitat foi alargado ao norte da Austrália e existem planos para a reintroduzir em algumas ilhas do Japão. A mesma espécie tem diferentes nomes pela Ásia fora. Por exemplo, na China são conhecidas como “Zhonghua Mifeng (a abelha da China)”, “Zhonghuafeng (a abelha da China)”, “Zhongfeng (a abelha da China)”, “Tufeng (a abelha nativa)”, etc. No Japão, é mais conhecida como a “abelha japonesa (*Apis cerana japonica*)” e na Índia, a “abelha indiana (*Apis cerana indica*)”.

Na comunidade científica da agricultura chinesa, costuma chamar-se “Zhonghua Mifeng”, “Zhonghuafeng”, “Zhongfeng” ou “Tufeng”. “Huafeng (a abelha da China)” é uma forma sincopada dos nomes anteriores. Por exemplo, existe uma espécie híbrida, de alto rendimento melífero, com a denominação de “Huafeng n.º 213 (a abelha da China” n.º 213)” e “Huafeng n.º 414 (a abelha da China n.º 414).”<sup>19</sup>

Tendo em conta que o termo “Huafeng” é utilizado pelo meio científico agrícola da China, propomo-lo para a tradução do “A Abelha da China”, de modo que passamos a designar o semanário com o nome de “Huafeng Zhoubao (Semnário da Abelha da China)”.

Acreditamos que esta poderia ser a tradução mais apropriada e concisa para o semanário macaense em questão, em todos os seus campos semânticos, que tem por base alguma ocorrência documental em chinês científico e é bem compreensível pelos sino-falantes em geral.

É verdade que o semanário é uma espécie de entre as publicações periódicas. Se, na tradução, se puder ver com clareza qual o género da publicação em questão,

---

<sup>19</sup> Liu Xianshu e Shi Wei, et al., “A Seleção e criação de híbridos de abelhas de alto rendimento melífero Tipo Huafeng n.º 213 (‘A Abelha da China’ n.º 213) e Huafeng n.º 414 (‘A Abelha da China’ n.º 414)”, *Antologia Seleccionada 1986-1990*, organizada pelo Departamento de Gestão de Investigação Científica da Academia Chinesa de Ciências Agrícolas, Pequim: (Editora desconhecida), 1992, pp. 368-372.

os leitores chineses terão mais facilidade em perceber que se trata de uma publicação com uma semana de intervalo.

Em síntese, até ao momento, existem 5 designações conhecidas do “A Abelha da China”, resultantes do nome em português, que são:

1. “Mifeng Huabao” (Jornal Chinês da Abelha, inicial tradução de Ge Gongzhen, até agora amplamente adoptada);
2. “Zhongguo Mifengbao” (Jornal da Abelha da China, proposta e usada pelo Doutor Li Changseng);
3. “Zhongguo de Mifeng” (A Abelha da China, forma usada na Enciclopédia de Macau).<sup>20</sup>
4. “Zhongguo Zhi Feng” (A Abelha da China, usada por Philip Kwok).<sup>21</sup>
5. “Huafeng Zhoubao” (Semanário da Abelha da China, proposta e usada neste texto por Jin Guoping).

Destes 5 nomes, o último parece-nos ser a expressão chinesa que se aproxima mais do título original em português e que traduz, da maneira mais completa e clara, toda a denotação da expressão portuguesa.

Assim, tomo a liberdade de propor fixar “Huafeng Zhoubao (Semanário da Abelha da China)” como o melhor título traduzido em chinês do “A Abelha da China” e que merece a nossa completa recomendação para o meio académico.

Eis uma nova proposta, bem pessoal e pouco madura, para o nome chinês do “A Abelha da China”, que se apresenta à apreciação da comunidade científica, tanto chinesa como portuguesa e internacional.

Com toda a modéstia, estamos susceptíveis a todo e qualquer comentário e apreciação, com o desejo e o objectivo de se conseguir uma melhor versão para o nome chinês do “A Abelha da China”.

---

<sup>20</sup> Wu Zhiliang e Yeong Wan Chong, *Enciclopédia de Macau* (Edição Revisada), Macau: Macau Fundação, 2005, p. 410.

<sup>21</sup> Philip Kwok, *Macao and the birth of Hong Kong*, Taipé: Instituto de História Moderna da Academia Central, 1990, p. 75.

Apesar dos esforços dispensados pela comunidade científica chinesa ao estudo acerca do “A Abelha da China”, ela, no jeito de uma mina aurífera, continua à espera de uma melhor exploração e aproveitamento, a bem da Macaulogia.

Doravante, passamos a usar o nome traduzido em chinês de “Huafeng Zhoubao (Semanário A Abelha da China)”.

## **2. Em torno da controvérsia sobre a publicação periódica**

Esta controvérsia diz respeito ao estatuto da publicação periódica na história do jornalismo na China e em Macau. O “A Abelha da China” foi alegado, em 1981, por Fang Hanqi, historiador do jornalismo chinês, como a “primeira publicação periódica”. Na sua *História do Jornalismo Moderno da China* escreve, afirmando: “... O ‘A Abelha da China’ foi a primeira publicação periódica em língua estrangeira publicada na China.”<sup>22</sup> Wu Zhiliang e Cheng Manli seguiram esta afirmação. No entanto, a partir de 2004, Agnes Lam pô-la em dúvida. Mais tarde, abordou o tema com mais detalhe na sua tese de doutoramento e num artigo.<sup>23</sup>

Para esclarecer esta dúvida, conviria fazer uma análise gramatical dos diferentes significados da palavra portuguesa “diário” e determinar o seu significado semântico no “Diário Noticioso”

O termo “diário” contém vários significados inter-relacionados, mas diferentes.

---

<sup>22</sup> Fang Hanqi, *História da Imprensa Chinesa Moderna*, Taiyuan: Editora Popular de Shanxi, 1981, p. 13.

<sup>23</sup> Agnes Lam, “Dúvidas sobre o primeiro jornal chinês em língua estrangeira - Novas descobertas na história da imprensa em Macau” in Chen Peiai (ed.), *A Primavera e o Outono do Jornalismo: Acta do 3.º Simpósio Internacional sobre a Propagação dos Meios de Comunicação Social Mundiais em Chinês e da Civilização Chinesa*, Xiamen: Imprensa da Universidade de Xiamen, 2004, pp. 48-59. Isto é discutido mais tarde na sua dissertação de doutoramento e na sua versão publicada (Capítulo 4, Secção 1: As Dúvidas Históricas sobre “A Abelha da China” e a existência ou a inexistência do “Diário Noticioso”), *Sobre o Início da Indústria de Jornais Modernos da China*, pp. 104-113.

1. Por “diário (riji)”, entende-se que se trata de um registo diário da vida. É um texto privativo, de estilo narrativa. O seu conteúdo, que resulta da nossa observação sobre o dia-a-dia, poderia ser sobre eventos, pessoas, coisas, cenas ou actividades.

2. O “diário (rizhi)” é um registo cronológico diário de eventos significativos de natureza não privada. Neste caso, a expressão “Diário Noticioso” significa “uma crónica de acontecimentos”. O sentido semântico de “noticioso” é o “de notícia”. O que pode ser considerado como “notícia”, deve ser “importante”. Na Macau do século XIX, “diário” foi traduzido como “Rizhilu (registo do conhecimento diário)”.<sup>24</sup> Uma versão bem achada, cheia de riqueza retórica! Nós inclinamo-nos a verter o “Diário Noticioso” como “Rizhilu”, pois se trata de um estilo semelhante à história Domus, dos religiosos católicos. De facto o autor era um padre católico.

Em suma, o significado semântico de “diário” em “Diário Noticioso” é “Rizhilu (registo do conhecimento diário)”, isto é, uma “crónica diária”.

3. “Diário” quer dizer um jornal ou seja, uma publicação periódica publicada diariamente.

Já em 1966, o Padre Manuel Teixeira se referiu ao “Diário Noticioso”.<sup>25</sup> Em 1976, ele afirmou mais explicitamente: “O primeiro manuscrito a aparecer foi o Diário Noticioso do Padre Joaquim José Leite. Publicámos este manuscrito, que cobre o período de 1807 a 1843.”<sup>26</sup>

A afirmação de “Publicámos este manuscrito” refere-se à publicação desse manuscrito no livro *Arquivos da Diocese de Macau*, edição de 1970.<sup>27</sup> Ao analisar o seu conteúdo, com facilidade se vê que não se reveste de nenhum carácter de

---

<sup>24</sup> Joaquim Affonso Gonçalves, *Diccionario portuguez-china no estilo vulgar mandarim e classico geral*, Macau: Real Collegio de S. José, 1831, p. 262.

<sup>25</sup> Manuel Teixeira, *Miguel de Arriaga*, Macau: Imprensa Nacional, 1966, p. 52

<sup>26</sup> Manuel Teixeira, *Os Militares em Macau*, Macau: Imprensa nacional, 1976, p. 468.

<sup>27</sup> Manuel Teixeira, *Arquivos da Diocese de Macau*, vol. 1, Macau: Tipografia da Missão do Padroado, 1970, pp. 113-273.

jornal, mas apenas de uma espécie de “crónica diária” do Seminário de S. José, onde se encontrava o autor e de Macau. Destaca-se por ser apenas uma espécie de “conta corrente” da vida quotidiana do Seminário de S. José e de Macau.

É importante notar que o Pe. Manuel Teixeira afirma sem hesitação dizendo que o Diário Noticioso era manuscrito, pelo que facilmente se chega à conclusão de que era uma crónica diária manuscrita e não um jornal diário impresso.

Como qualquer nação europeia, os portugueses atribuem grande importância à recolha e preservação dos seus documentos e têm regulamentos bem rigorosos, que garantem o arquivo de todos os processos, sejam públicos sejam privados. É difícil imaginar que um jornal diário, que estava em circulação há 36 anos, pudesse ter desaparecido dos arquivos portugueses, sem deixar qualquer rasto. Nem a colecção pública, nem a privada têm sequer um exemplar, nem um registo bibliográfico. Vejamos mais um facto favorável à nossa argumentação no sentido da inexistência de um tal “Diário Noticioso”.

Verificamos que três histórias de Macau, escritas por portugueses em Macau no século XIX, se referem todas ao “Abelha da China” como o primeiro semanário,<sup>28</sup> e nem uma palavrinha sobre o suposto “Diário Noticioso.” Além disso, nenhuma monografia sobre a imprensa de Macau, das muitas publicadas em Macau, contém sequer uma referência ao alegado jornal.<sup>29</sup> Não há nenhum exemplar sobrevivente, nem memória histórica, nem mesmo uma referência mínima. Esse facto talvez possa provar que o tal “Diário Noticioso” nunca existiu como jornal impresso. Toda a dúvida e controvérsia vem da deficiente

---

<sup>28</sup> J. Gabriel B. Fernandes, *Apontamentos para a história de Macau*, Lisboa: Typ. Universal, 1883, p. 22, Bento da França, *Subsídios para a História de Macau*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1888, p. 156 e Bento da França, *Macau e os seus habitantes: relações com Timor*, Lisboa: Impr. Nacional, 1897, p. 86.

<sup>29</sup> José Maria Braga, *O início da imprensa em Macau*, Macau: Escola Tipográfica do Orfanato, 1938; José Maria Braga, *Primórdios da imprensa em Macau*, Macau: Edição do Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, 196; Henrique Rola da Silva, *Informação portuguesa de Macau*, Macau: Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau, 1992; João Alves das Neves, *A imprensa de Macau e as imprensas de língua portuguesa no Oriente*, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1999 e José Augusto dos Santos Alves, *A opinião pública em Macau: a imprensa Macaense na terceira e quarta décadas do século XIX*, Lisboa: Fundação Oriente, 2000.

compreensão da palavra portuguesa “diário”, de modo a entender o “Diário Noticioso” como um jornal diário editado. Parece que o estatuto histórico do “A Abelha da China” ser o primeiro semanário é inabalável, até que apareça prova em contrário.

### **3. Acerca da natureza do semanário**

A presença do termo “abelha” no próprio título indica que o objectivo original que se pretende atingir era tornar a publicação periódica num órgão de intervenção política; no entanto, a reduzida dimensão física de Macau e a sua economia relativamente frágil não permitiam ter o luxo de manter um semanário puramente político, pelo que os portugueses encontraram habilmente uma forma de reduzir os custos aderentes, com a divisão de duas secções: uma parte oficial e outra parte não oficial, querendo dizer comercial. Um jornal que fosse compatível com a política e os negócios numa edição. Com o rendimento da parte não oficial ajudava-se a manter a parte oficial, numa estratégia de auto-suficiência do próprio semanário. Por isso, talvez não se possa classificá-lo como uma publicação periódica puramente política. Na realidade, acontecia que cada edição geralmente tinha 4 páginas, a duas colunas. A parte oficial costumava ocupar mais de 3 páginas e meia, enquanto a parte não oficial, que trazia notícias, nacionais e internacionais, assim como publicidade local, se estendia apenas por meia página. Seria mais apropriado descrevê-lo como um semanário político com uma pequena, mas importante, componente de notícias e negócios. Um semanário político bem podia ter duas componentes. Do ponto de vista de órgão partidário de intervenção política, era sem dúvida o porta-voz dos liberais de Macau; no entanto, o seu maior significado para a sociedade de Macau residia no facto de ser um “boletim oficial” local. Nas circunstâncias da Macau da época, não havia outra publicação periódica sem ser esta, de modo que não podia ser um semanário puramente político, não podia deixar de dar lugar a assuntos de interesse comercial e aos “avizos” privados, a satisfazer a necessidade do comércio e a ajudar a manter o semanário.

Com a cedência de um pequeno espaço, que nem sequer chegava a uma página, conseguia-se uma considerável receita para aliviar os custos editoriais do

semanário, por parte do governo. Mediante uma análise do formato do semanário, vê-se que os artigos de intervenção política ocupavam o maior espaço, mas havia também um espaço menor reservado para notícias sociais e anúncios de natureza económica.

Esta natureza abrangente e posicionamento editorial devia pesar na nossa apreciação, para evitar a classificação geral de uma publicação política. Seja como for, o “A Abelha da China” constitui um rico manancial de “notícias actuais”, políticas e económicas, para o nosso estudo sobre o funcionamento do governo de Macau no poder dessa altura e para a vida social e económica desta pequena urbe dos anos vinte do século XIX, pelo que vale o semanário como uma rica fonte de informações consentâneas.

#### **4. Sobre a impressora**

Cada número do semanário no final da última página conta com a declaração de “NA TYPOGRAPHIA DO GOVERNO” ou “MACAO: NA TYPOGRAPHIA DO GOVERNO”. Relativamente à tipografia que dava prelo ao semanário, o Pe. Manuel Teixeira observa que “Tanto a Abelha da China como a Gazeta de Macau eram impressos na Tipografia do Governo a cargo do Leal Senado”.<sup>30</sup> Em 2000, o Professor Su Jing, estudioso taiwanês, através de uma longa pesquisa de fontes depositadas no arquivo da British East India Company, salientou que “...para a publicação deste primeiro semanário em língua estrangeira na China, os impressores portugueses que trabalhavam na tipografia da British East India Company em Macau deveriam ter dado uma grande ajuda na sua produção.”<sup>31</sup>

Mais tarde, em 2014, com base em mais material arquivístico novo, o mesmo estudioso chegou a afirmar com maior exactidão sobre o processo da publicação do semanário. Ele diz: “O primeiro número foi publicado a 12 de Setembro de 1822, após um pedido português, que se fez vinte dias atrás da primeira sobrecarga

---

<sup>30</sup> Manuel Teixeira, *A imprensa periódica portuguesa no Extremo-Oriente*, Macau: Notícias de Macau, 1965, p. 13.

<sup>31</sup> Su Jing, *Morrison e a Imprensa Chinesa*, Taipé: Student Book Company, 2000, p. 98.



inglesa, que deu uma resposta afirmativa. O semanário saía todas as quintas-feiras até ao final de 1823, quando o número 67 foi dado à estampa. Cada número contava com 4 páginas (há 4 números com mais de 4 páginas e um suplemento de mais de 4 páginas). O formato era de dupla coluna por página, com a indicação no final da quarta página com a legenda de Na Typographia do Governo. De facto, foi dado à estampa na tipografia da British East India Company, o que é provado pela conta de 1821-1822 da tipografia. Na sua coluna de entradas, pode-se atestar que em 18 de Setembro de 1822 houve uma entrega no valor de 100 patacas em dinheiro do Leal Senado de Macau, pela utilização dos tipos móveis.”<sup>32</sup> A peça de arquivo apresentada por Su Jing não deixa de ser convincente, mas apenas diz que pelo empréstimo dos tipos móveis, o Leal Senado de Macau fez uma transferência de 100 patacas em dinheiro para o cofre da tipografia inglesa. Caso o semanário tiver sido impresso pela tipografia da British East India Company, a transferência teria sido feita a título de custo da impressão. Pelo facto de uma simples menção ao pagamento pelo uso dos tipos móveis, é altamente provável que a tipografia governamental de Macau só tenha pedido emprestados os tipos móveis de chumbo à tipografia da British East India Company de Macau. Não deixa de ser uma possibilidade plausível. Outra hipótese não pode ser excluída. Se se diz “Afirmar explicitamente que a tipografia da British East India Company teria feito a impressão”, é como reconhecer a incapacidade portuguesa para imprimir uma publicação periódica, o que seria prejudicial à imagem das autoridades portuguesas de Macau. Por conseguinte, as contas teriam sido saldadas sob o disfarce de empréstimo. De facto, os portugueses tinham a sua própria gráfica, mas não contavam com os tipos móveis necessários à impressão, o que condicionava a sua capacidade para uma edição de forma mais adequada, pelo que teriam adjudicado o trabalho de impressão à gráfica da British East India Company, sem dizer explicitamente que a impressão foi feita pelos britânicos, mas com a chancela de “NA TYPOGRAPHIA DO GOVERNO”, a enfatizar que foi impressa pelos próprios portugueses.

---

<sup>32</sup> Su Jing, *Fundição no lugar da Gravura: Missionários e mudanças da Imprensa Chinesa*, Taipé: "National" Taiwan University Publishing Center, 2014, pp. 60-62.

De acordo com Isaú Santos, arquivista português, a tipografia só terminou no final de 1826.<sup>33</sup> Os nomes dos vários directores da tipografia governamental, tutelado pelo Leal Senado de Macau, encontram-se registados em documentos portugueses.<sup>34</sup>

## 5. O impacto na sociedade chinesa de Macau

Em relação a este assunto, a História do Jornalismo Chinês argumenta que “Embora o semanário tenha sido publicado em Macau, não tinha nada a ver com a comunidade chinesa de Macau. Trata-se de uma publicação periódica fundado por constitucionalistas portugueses locais para promover as ideias e o ideal do constitucionalismo e ganhar apoio popular...”<sup>35</sup> Apesar de se tratar de uma opinião profissional algo representativa, é francamente discutível. Tal afirmação é provavelmente motivada pelo facto de ter sido publicada em português e de ser inacessível ao público chinês em geral, o que permite afirmar que o semanário não teve qualquer impacto na sociedade chinesa. Ora, a comunidade chinesa em Macau faz parte da sociedade chinesa em geral, o que não oferece nenhuma dúvida. Por outras palavras, a comunidade chinesa de Macau integra-se na sociedade chinesa nacional. O impacto nos chineses em Macau não significa um impacto sobre a sociedade chinesa da nação? Em segundo lugar, o semanário não foi uma “publicação política” no seu sentido restrito, gozou do estatuto legal de “boletim do governo”, o que lhe garantia uma elevada posição na sociedade de Macau. Embora a maioria dos chineses não o pudesse ler, a legislação governamental publicada no mesmo, bem como os “avizos” publicados na parte não oficial, tinham inegavelmente o seu impacto na comunidade chinesa de Macau.

---

<sup>33</sup> Isaú Santos; Arquivo Histórico Ultramarino (Portugal), *Macau e o Oriente: no Arquivo Histórico Ultramarino*, vol. II, Macau: Instituto Cultural de Macau, 1997, p. 376.

<sup>34</sup> Manuel Teixeira, *Miguel de Arriaga*, Macau: Imprensa Nacional, 1966, p. 102; Luís G. Gomes, *Efemérides da história de Macau*, Macau: Notícias de Macau, 1954, p. 178 e Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, Vol. II, Ruas com nomes de pessoas, Macau: Imprensa Nacional, 1981, p. 358.

<sup>35</sup> Huang Hu, *História do desenvolvimento do jornalismo chinês*, 2.<sup>a</sup> edição, Xangai: Imprensa da Universidade de Fudan, 2009, p. 28.

As partes oficial e não oficial do semanário constituíam um instrumento e veículo indispensável para a sociedade de Macau poder funcionar dentro dos moldes jurídicos e legislativos e das regras sociais das operações comerciais. Neste sentido, mesmo que a maioria dos chineses não pudesse ler este semanário, a sua intervenção na vida de Macau, especialmente a nível legal e comercial, esteve sempre presente e onnipresente.

### **III. Epílogo**

O semanário “A Abelha da China” foi impresso em Macau pela Tipografia do Governo, entre 1822 e 1823. Só algumas importantes bibliotecas e arquivos de Portugal e de Macau têm cópias nas suas colecções, e estas não estão completas, de modo que o acesso ao periódico não tem sido fácil. A meritória Fundação Macau, liderada pelo Doutor Wu Zhiliang, tem sido o mecenas da Macaulogia, ao promover uma verdadeira campanha de edição de fontes relacionadas com Macau. Neste âmbito, o jornal foi reeditado, em fac-simile, em 1994, pela Fundação Macau e pela Universidade de Macau, a partir de exemplares depositados em arquivos e bibliotecas lisboetas e macaenses, tornando-o acessível a toda a comunidade científica mundial. O pioneirismo da Fundação Macau na Macaulogia é, hoje em dia, internacionalmente reconhecido e altamente louvado. É um facto consumado que desde a reimpressão em fac-simile do Semanário “A Abelha da China”, até à publicação da primeira e única monografia de investigação sobre o tópico, a Fundação Macau contribuiu imenso para a Macaulogia, no campo dos estudos sobre a imprensa periódica na China e em Macau.

Actualmente, os estudos sobre o “A Abelha da China”, numericamente falando, não se pode dizer que sejam muitos, mas em termos da sua qualidade, são relativamente bons. Embora se esteja numa fase de todos os tópicos serem tratados, ainda há espaço para ampliar o tema e aprofundar as pesquisas. Uma vez que o semanário foi publicado em português, uma língua ainda não totalmente acessível aos investigadores chineses, há necessidade de mais pesquisadores

bilingues que dominem o português e o chinês para se debruçarem sobre o tema, com o objectivo de desenvolverem uma investigação sobre múltiplas perspectivas, múltiplos níveis e múltiplas facetas, a fim de serem exploradas e aproveitadas ao máximo as informações consentâneas contidas no semanário, tais como notícias marítimas (datas da chegada e partida dos navios), manifestos entregues à alfândega portuguesa, preços com que as mercadorias eram vendidas em Cantão, nomes dos mercadores de etnia chinesa que aparecem nos avizos de licitação, que são informações muito preciosas para o estudo da sociedade macaense dessa altura. A secção dos “Avizos” no final do semanário reveste-se de uma clara natureza comercial, contendo informações sobre leilões, alugueres, vendas, assinaturas de jornais, procura de emprego, recrutamento, entre outros assuntos. Os obituários e os anúncios de casamento que aparecem de tempos a tempos são também uma mina de informações fiáveis sobre a situação demográfica da comunidade ocidental em Macau e em Cantão nessa altura. Todas constituem fontes de primeira mão, com que se podem desenvolver estudos detalhados da vida social de Macau dessa altura. Estas pistas talvez sejam um campo virgem na Macaulogia dos anos vindouros, com bons sucessos à vista.

O tempo escasso com que contámos para a redacção deste pequeno texto e o nosso limitado conhecimento sobre o tema em questão poderão dar origem a inexatidões, até mesmo erros, que nos possam ter passado despercebidos. De todas as formas, este pequeno ensaio é uma tentativa para conhecer melhor o primeiro semanário da história de Macau, que por sua vez é a primeira publicação periódica moderna da China. Sejam bem-vindos quaisquer comentários, mesmo críticas, a este texto, da parte dos entendidos sobre o tema em causa.